

Evento: XX Jornada de Extensão

A MÚSICA ENQUANTO UM FENÔMENO SOCIAL A PARTIR DA PROJEÇÃO¹ MUSIC AS A SOCIAL PHENOMENON IN ACCORDANCE WITH PROJECTION

**Felipe Brentano Canepelle², Janini Catia Bruscki³, Niquéle Caroline
Monteiro Dutra De Moraes⁴, Janete Teresinha De Aquino Goulart⁵**

¹ ESCRITA DESENVOLVIDA PELOS ALUNOS E DOCENTE DE PSICOLOGIA.

² Aluno do curso de graduação em psicologia, canepelle1@gmail.com;

³ Aluna do curso de graduação em psicologia, janinibruscki@gmail.com;

⁴ Aluna do curso de graduação em psicologia, niquelydutra@hotmail.com;

⁵ Professora, Doutoranda de Educação nas Ciências: Área Psicologia, Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, Orientadora, joliv@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

Durante a etapa inicial da vida, a criança entra em uma relação amorosa com a figura materna, construindo assim os pilares para o entendimento do mundo. Começamos a aprender elementos básicos para a sobrevivência, por exemplo a passagem do choro como reação natural à fome para uma ação de demanda ao notar a falta. A vulnerabilidade que observamos na criança consiste no fato dela não ter elementos introjetados para compreender o mundo e para se articular frente ao meio, esse estado organiza a mãe em suporte às necessidades infantis.

Em dado momento esse auxílio necessário para o amparo infantil se torna alienante. Através da experiência a criança vai construindo seu mundo e aumentando a complexidade de suas compreensões, e com as investigações acerca das ausências da mãe se depara com o que a psicanálise chama de função paterna. A relação que era dual, passa a incluir uma terceira figura a ser articuladora da ruptura do dual e que institui a falta - "o pai" - inserindo a conflitiva edípica no berço daquilo que era prazer e gozo.

[...] aqueles que encarnam, na realidade da vida de um sujeito, as funções ou as instâncias de pai simbólico, de pai imaginário e de pai real. Os pais concretos efetuam essas funções paternas, com efeito, [...] principalmente em função de sua estrutura, suas identificações e seus sintomas (DE NEUTER, 2004, p. 58).

A função paterna, se caracteriza por aquilo que fará a mãe faltar para a criança, como, por exemplo suas necessidades, seu emprego, seu companheiro, os familiares e as demais demandas do mundo adulto. A conflitiva edípica trata-se da expansão do mundo infantil, colocando uma interdição ao prazer e incluindo outros elementos para a compreensão e estruturação da psique. A estrutura psíquica se expande, mais elementos são introjetados para dar conta da maior complexidade que surge no mundo infantil. Compreende-se o outro a partir dos mecanismos da psicodinâmica entre os sistemas, onde um dos mais relevantes elementos é a projeção.

Evento: XX Jornada de Extensão

Na produção de sintomas da paranoia ressalta, em primeiro termo, aquele processo que designamos com o nome de projeção. Nele uma percepção interna é reprimida e como sua substituição, seu próprio conteúdo, depois de sofrer uma deformação, vai surgir na consciência como percepção vinda do exterior. (FREUD, 1911, p.686)

Freud (1900), em sua investigação vai se pôr a escutar aquilo que os pacientes têm a dizer sobre suas problemáticas, e com isso, vai notar que o desejo se põe como motor dos sujeitos, que através de uma complexa construção psíquica tornam-se aptos a interpretar o social. O desejo da psicanálise se organiza de uma forma diferente do que o entendido na época. A psicanálise funda o que chamamos de desejo inconsciente. Durante as etapas iniciais da vida, o sujeito se desenvolve através do seu primeiro laço de amor - o laço materno - contudo, o social lhe impõe limites, a criança vai vivenciar um processo de constituição que será determinante na construção das compreensões acerca do mundo e das relações entre sujeitos e objetos.

Na lógica da relação do sujeito/desejo haverá uma flexão que se caracteriza por três etapas partindo do ser ao ter o desejo da mãe e em uma lógica de identificação com objetos de desejo. Nesse momento se questiona, à que se dá essa identificação? Para tanto Wolman (1970) responde que há uma certa identificação projetiva dentro daquilo que nos permitimos expressar e admirar enquanto criação, e que esses afetos se originam no desejo, portanto, são responsáveis pela identificação com aquilo que nos permitimos projetar de nossa subjetividade ao outro.

Na dialética do desejo e da identificação encontramos os alicerces para a projeção que podem resultar na arte. Observamos na própria teoria psicanalítica quando Freud (1897) se volta a trama de Édipo Rei para a construção do complexo de Édipo, evidenciando na produção artística uma verdade que diz respeito a verdade do sujeito, do desejo inconsciente que emerge do aparelho psíquico. Contudo, a produção artística se expande e evolui, dessa forma, situando nosso objeto de estudo no presente texto, buscando nos elementos musicais artísticos traços do desenvolvimento da estrutura psíquica e a reprodução do desejo.

METODOLOGIA

O trabalho vai se organizar através de uma pesquisa bibliográfica onde buscaremos elementos qualitativos, buscando refletir acerca dos elementos da teoria psicanalítica, considerando a base da organização psíquica. Investigaremos a projeção enquanto mecanismo de defesa do aparelho psíquico, e suas formações na cultura que tomam uma dimensão maior através da identificação - uma das formas humanas de estabelecer vínculo - abordado no trabalho especificamente dentro de obras musicais.

A MUSICALIDADE DO DESEJO

Freud (1900), lança mão de um olhar acerca da tragédia de Édipo Rei produzida por Sófocles, trazendo em seu olhar não uma releitura artística, mas uma construção teórica acerca da tragédia

Evento: XX Jornada de Extensão

da vida neurótica, fazendo de Édipo um complexo. Olhamos para a arte e sentimos a dor que há em nós, pois ora!?, se essa dor que sentimos não está em nós onde mais haveria de estar. Esse ato Freudiano inaugura um novo entendimento acerca do sujeito, de sua constituição e de suas formas de expressão, a música contemporânea traz indicadores de conflitos edípicos que através da repetição se atualizam.

Segundo Gutierrez-Terrazas (2002), temos uma lógica de repetição do conteúdo mal resolvido, mas essa repetição se dá de uma forma encobridora do trauma fundante. Tendemos a repetir a experiência de completude do amor materno na primeira infância tanto na vida quanto na arte. Na primeira infância, imaginariamente, a criança "é" o falo materno, porém durante a experiência de separação do complexo de Édipo, o sujeito é introduzido em uma lógica de não "ser" mais o falo materno, mas rivaliza com seus adversários imaginários em busca de "ter" o falo.

Na obra "Sentimental", composta por Rodrigo Amarante De Castro Neves (2001), musicalizada e apresentada pela banda Los Hermanos no álbum "Bloco do eu sozinho", podemos observar a reprodução de um drama infantil da primeira fase do complexo de Édipo. A criança se encontra na relação dual com a mãe e aos poucos vai se apropriando de seu desejo. Aplicando nos trechos: "(...) Você me avisar, me ensinar, falar do que foi pra você não vai me livrar de viver (...) De tanto eu te falar você subverteu o que era um sentimento, e assim fez dele razão pra se perder no abismo que é pensar e sentir" podemos associar a esses versos a um drama infantil, onde a mãe investe na criança, buscando ler as suas necessidades "avisando e ensinando" como o fazia na primeira infância, contudo, o desejo da criança vai para além desse conhecimento, ultrapassando a barra da alienação à mãe, organizando sua vivência e construção subjetiva. Podemos ainda notar a queixa do sentimento que levou esse sujeito a pensar e existir.

Aqui fazemos um paralelo com a lógica de "Fort-Da" de Freud (1920), onde o autor faz a representação da falta e completude numa ação de ausência e presença da mãe, essa falta é necessária para a criança se constituir, visto que o desejo da mãe em excesso é alienante, fazendo com que a criança não se torne um sujeito desejante. Essa lógica se repete por ser parte fundamental da estrutura do sujeito, algo que para a constituição passa por um processo traumático, pelo fato do sujeito estar vivendo uma crise no seu primeiro e único, até o momento, laço amoroso.

Na última etapa da música o trecho "Eu só aceito a condição de ter você só pra mim, eu sei, não é assim, mas deixa, eu só aceito a condição de ter você só pra mim, eu sei, não é assim, mas deixa eu fingir e rir", pode ser tomado como um momento de passagem, pois no início o sujeito impõe a condição de ser o objeto de desejo da mãe, e logo após se flexibiliza omitindo a parte, que aparece no último trecho, de que está "fingindo" o fato de não conseguir ser o falo materno, contudo, logo após admite, mas continua em negação "(...) mas deixa eu fingir e rir" à fim de prolongar o gozo. Com o processo de simbolização, os traços traumáticos vinculados ao falo primordial, são recalçados e permanecerão presentes em forma de afeto.

Evento: XX Jornada de Extensão

Na relação primordial com a mãe, [o filho] tem a experiência do que falta a ela: o falo, [...] eis que ele se empenha em satisfazer [nela] esse desejo impossível de preencher numa dialética de engano, por exemplo, em atividades de sedução, todas ordenadas em torno do falo [simbólico] presente-ausente (LACAN, 1958, p. 700).

Para a criança o drama da perda é real, não se conhece outra possibilidade de existência a não ser pelo amparo materno, porém, o desenvolvimento biopsicossocial a organiza para trabalhar em uma estrutura mais complexa. Na música “Todo mundo vai sofrer”, composta por Diego Silveira, Lari Ferreira, Junior Gomes e Renno Poeta (2019), musicalizada por Marília Mendonça, retiramos a seguinte narrativa: “A garrafa precisa do copo, o copo precisa da mesa, a mesa precisa de mim, e eu preciso da cerveja igual eu preciso dele na minha vida”, neste trecho temos uma lógica se apresentando através de um semblante de dificuldade de subjetivação, centralizado na relação dual com a eventualidade da perda, e caracterizada pelo raciocínio linear concreto de associações simples na tentativa de se ver. Esse traço simbólico é um marco na constituição psíquica, nos remetendo a um estado infantilizado de dificuldade subjetiva, onde a criança rivaliza com a figura paterna, com o sentimento de traição, pois esse é o responsável pela perda do desejo da mãe, e a tentativa de reaver, ou seja, “ter” o falo materno.

O refrão traz as seguintes frases “Quem eu quero, não me quer, quem me quer, não vou querer, ninguém vai sofrer sozinho, todo mundo vai sofrer”. Trazendo a singularidade de um laço rompido e o movimento, após a rejeição, de não “ser” mais o falo, mudando a postura para uma tentativa de “ter” o falo. A frustração de tal flexão verbal, promove inúmeras mudanças de posicionamento, trazendo novos elementos, expandindo o social e criando uma nova articulação com o desejo e seus objetos. O que torna a arte um fenômeno constante na história é o que aqui buscamos observar, a identificação como uma forma de nos relacionar com o outro.

Freud (1921), propôs a identificação como “a mais remota expressão de um laço emocional com uma pessoa” (p. 115). Contudo, o que o autor da música nos traz é parte daquilo que desperta algum sentimento, algo que precisa ser dito e repetido na tentativa de elaborar. A identificação - uma das responsáveis por promover a popularização da música - não é apenas um acontecimento arbitrário, mas parte essencial daquilo que nos torna humanos, e permite nossa organização e convívio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização psíquica é responsável pelo nosso posicionamento frente ao Outro, nos dando um lugar no mundo. Contudo, passamos pela dependência total do amparo enquanto crianças de colo, com o tempo, nos diferenciamos de quem nos ampara e construímos as visões de mundo, que vão servir de base para nossas buscas. O desejo está no centro da teoria psicanalítica e desde cedo o conflito em busca deste é posto. O aparelho psíquico nos força a repetir aquilo que, por algum motivo, não simbolizamos, enquanto a projeção atua como uma forma de vermos no outro, e de expormos aquilo que é nosso.

Evento: XX Jornada de Extensão

Há um processo de constituição que supõe mecanismos fundamentais como a introjeção, a projeção e a identificação. A proposta é pensar que o autor projeta na música algo que faz sentido para si (de seu percurso subjetivo) e ao chegar ao público há uma identificação que reverbera e projeta uma repetição contínua por um tempo maior ou menor, mas que diz de algo sentido como comum. O trabalho trouxe uma possível reflexão acerca de elementos musicais, que se apresentam projetivamente das próprias dores para a possibilidade de identificação do eu com o outro.

Palavras-chave: *Projeção, identificação, desejo, psicanálise.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARARANTE, Rodrigo. **Sentimental**. Rio de Janeiro, Universal Music Publishing Group, 2001. Disponível em: www.letras.mus.br/los-hermanos/67390/. Acesso em 05 jun. 2019.

DE NEUTER, Patrick. **Mal estar na paternidade**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, 2004. p. 57-77.

FERREIRA, SILVEIRA, GOMES, POETA. **Todo mundo vai sofrer**. Todos os cantos (vol 2) 2019. Disponível em: www.letras.mus.br/marilia-mendonca/todo-mundo-vai-sofrer/ Acesso em 05 Jun. 2019.

FREUD, Sigmund. **Carta 71**. Rio de Janeiro: Imago. 1897 Vol. 1, pp. 356-359.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**, Rio de Janeiro: Imago, 1900.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia Autobiograficamente Descrito**, in *Historiales clínicos*. 1911. v.II, p.509-750.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e a análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1921.

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. **O conceito de pulsão de morte na obra Freudiana**. Rio de Janeiro: Agora, 2002.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1962.

WOLMAN, Benjamin. **Teorias e sistemas contemporâneos em psicologia**. Barcelona: Martinez Roca. 1970.